

Contracolonizar a memória Guarani-Kaiowá^[1]

Countercolonize Guarani-Kaiowá memory

LUCIANA OLIVEIRA

Trabalha desde 2012 com a comunidade Kaiowá de *Guaiviry Yvy Pyte Yjere* e com a organização dos *Aty Guasu Guarani-Kaiowá* no Brasil com produções em cinema, artes visuais, redes digitais, editoriais e acadêmicas. Desde 2013 é impulsionadora do coletivo Bordados pela Paz Guarani e Kaiowá Brasil com o qual participou, junto com os cineastas de *Guaiviry* e o filme *Ava Marangatú*, da exposição *How to talk with birds, trees, fish, shells, snakes, bulls and lions* no Hamburger Bahnhof Museum (2018/2019). Ganhou o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea (2015). É co-organizadora do livro *Ñe'e Tee Rekoñe/Palavra Verdadeira Viva* (2020) junto com o casal de xamãs Valdomiro Flores e Tereza Amarília Flores e co-autora do livro-objeto *Tee: amboe oguahema omburabei ha oñembosarai baguã/ Descendentes: Outros que chegam para rezar e brincar* (2020) junto com Paulo Nazareth.
<https://orcid.org/0000-0002-7063-7811>
 luciana.lucyoli@gmail.com

RESUMO

O ensaio "Não posso saltar sobre suas palavras" coloca em tela a longa e árdua guerra pela terra contra o povo indígena conhecido como Kaiowá ou Guarani-Kaiowá. Essa luta contra-colonial de re-existência envolve práticas insurgentes que fraturam a Modernidade/Colonialidade e tornam possíveis outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com. Além disso, o ensaio vivifica as possibilidades da comunicação inter-mundos, do trabalho com a fotografia e as imagens de arquivo.

Palavras-chave: Guarani-Kaiowá, re-existências, contracolonial

ABSTRACT

The visual essay "I can't jump over your words" emphasizes the long and arduous war for land against the Kaiowa or Guarani-Kaiowa indigenous people in Brazil. Their counter-colonial struggle for re-existence involves insurgent practices that break Modernity / Coloniality and make possible other ways of being, thinking, knowing, feeling, existing, and living. Besides, the essay vivifies the inter-world communication possibilities, working with both photography and archival images.

Keywords: Guarani-Kaiowá, re-existences, counter-colonial

O ensaio “Não posso saltar sobre suas palavras” é composto por 10 dípticos e um texto poético. Os dípticos colocam, lado a lado, fotografias que realizei na experiência vívida do *teko* num território tradicional retomado pelos Kaiowá e imagens de arquivo do documento conhecido como Relatório Figueiredo que testemunha graves violências contra os povos indígenas brasileiros, destacando trechos relativos às violências praticadas contra esse povo em específico.

As fotografias das crianças realizando o *Kotyhu* - ritual de dança circular com cantos tradicionais que ativam qualidades, perspectivas e estados de ânimo, especialmente a alegria - bem como de algumas cenas ao redor dessa roda foram realizadas em 2012. Me coloquei no centro, entre elas, e dessa perspectiva fiz as imagens, buscando que meu corpo e a câmera se incorporassem ao ritual. Optei por captar as fotos com um ligeiro desfoque que sublinha tanto o caráter etéreo e delicado da imagem das crianças e da própria situação ritual ali instaurada quanto a vida por um fio naquele território recém reocupado pelos grupos familiares, sob tantos riscos.

O local onde aconteceu a roda é *Guaiviry Yvy Pyte Y Jere* (Coração da terra, próximo ao rio onde viveu uma xamã muito velha e seus arredores). É um dos *tekoha* Kaiowá no sul de Mato Grosso do Sul dentro dos limites do atual município de Aral Moreira, na fronteira com o Paraguai. *Tekoha* é o nome em língua Guarani para o lugar onde se pode viver o modo tradicional dos Kaiowá de forma autônoma. O movimento de reocupação ou autodemarcação dos territórios tradicionais - conhecido como retomada de terras - se iniciou em maior escala a partir dos anos de 1980 com a organização dos *Aty Guasu* (Grande Assembleia Guarani e Kaiowá). *Guaiviry Yvy Pyte Y Jere* foi reocupado em 2011 e ocasionou o brutal assassinato com ocultação de cadáver da liderança que conduzia os grupos familiares, o Cacique Nísio Gomes em 18 de novembro de 2011. Atualmente abriga cerca de 40 famílias e 300 pessoas.

Já as imagens do Relatório Figueiredo, documento monumental que testemunha as brutais violências perpetradas historicamente contra o povo Kaiowá (e outros povos indígenas em todo o Brasil na década de 1960), compilado pelo procurador federal Jader de Figueiredo Correia, apontando irregularidades no SPI (Serviço de Proteção ao Índio)^[2]. O documento ficou desaparecido por 45 anos sob a suposição de que teria sido eliminado num incêndio no Ministério da Agricultura e foi reencontrado no contexto das investigações da Comissão Nacional da Verdade (2016). Violações como esbulho de terras, roubo de gado e bens agrícolas dos indígenas, estupro de mulheres, comércio de pessoas, escravização, precariedade dos vínculos de trabalho e venda abusiva de álcool nos arredores dos Postos Indígenas são correntes e estão fartamente documentadas no Relatório. Os responsáveis por estas atrocidades são funcionários do SPI – agentes do Estado brasileiro –, políticos e latifundiários, operando de forma conjunta ou em separado.

O documento e os registros, depois de seu muito tempo de silêncio, dizem também do atual contexto de guerra pela terra em MS e das violências que persistem sob a forma da colonialidade

do poder, do saber, do ser e da memória. A roda das crianças e a imagem de seu guardião (última imagem do ensaio) afrontam as violências trazidas pelas imagens do Relatório com as armas da alegria e da ancestralidade, vivenciáveis apenas naquele território originário.

A re-existência operada pelos povos indígenas no Brasil é contracolonial, seguindo o pensamento do intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015)^[3]. Se a colonização envolve os processos de invasão, expropriação, etnocídio, genocídio, subjugação e de imposição de uma cultura sobre outra sem relação com o território e transformando a terra em mercadoria, a contracolonização envolve os processos de defesa dos territórios e tudo o que neles vive realizada pelos povos afropintodorâmicos (os povos afrodiáspóricos e os originários, em separado ou em aliança)^[4]. O título do ensaio coloca a impossibilidade de não trabalhar essa memória, ao mesmo tempo em que busca apresentar um modo kaiowá-criança de elaborá-la.

NÃO POSSO
S A L T A R
SOBRE SUAS
PALAVR AS

LUCIANA OLIVEIRA
2020

que constitui imprudência do SPI. Os índios, não tão esclarecidos quanto podiam já estar e de posse de grande quantidade de armamento e munição, irresponsáveis como são, causam tremendo desconforto entre os fazendeiros que se lhes avizinham. Mas o importante de tudo isso, Sr. Presidente, é o destino do produto dos arrendamentos. Arrendam-se terras indígenas, vende-se gado indígena, e essas vendas alcançam cotas extraordinárias. Sei que a 5ª Inspeção de Campo Grande arrecadou, no ano passado, cerca de 48 milhões de cruzeiros. Essas importâncias que deviam revertir em benefício da família são gastas e a Nação não sabe como. Talvez até sejam bem empregadas, mas a Nação ignora como as gastam, porque dessas despesas não prestam contas. Sr. Presidente, recebi de um





MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
Serviço de Proteção aos Índios
2ª INSPECTORIA REGIONAL

3781
PB
SJA

inobiliários; que a Lei desapropriatória citada é a de número 1.077, de 18 de abril de 1.958; que o depoente contou mais de oito parentes do Deputado RACHIDE NAMED entre os que requereram concessão das terras índias desapropriadas; que existe ainda o caso dos índios KAIUÁ, na região de Dourados onde o Estado novo criou uma zona de colonização e desapropriou todas as terras dos índios deixando-os absolutamente sem qualquer gleba; que o responsável é o próprio Ministério da Agricultura ao qual estava subordinado o SPI e o Departamento de Terras e Colonização este último executou o projeto; que o SPI nada conseguiu e teve que comprar 2 lotes com 30 Has. a fim de localizar os selvícolas; que os Kavantes foram escorraça -

Tenho para mim, que eles sejam originários do CHACO BOLIVIANO, e tenham seu tronco racial nos MBAYÁS, povo opulento que habitava na época das conquistas, uma margem e outra do Rio Paraguai, entre os paralelos 20° e 22°, aproximadamente.

Devido às atrocidades cometidas contra eles nos meados do século XVII e princípio do XVIII século, pelos espanhóis e paraguaios, imigraram para os lados de Mato Grosso, no Brasil, onde depois de conflitos com brasileiros, acomodaram-se com suas famílias e foram bem acolhidos, identificados depois com o nome geral de GUAICURUS uns, e de CHANÉS, outros.

Pondo de lado, o estudo ou história dos GUAICURUS e seus sub-grupos, desejo me referir ligeiramente ao grupo CHANÉS, do qual se derivaram os TERNOS, os LAIANOS, os KINIKIRAU e os GUANÁS, que falavam todos o mesmo dialeto com pequena ou nenhuma diferença.



84 20, de 26 de Fevereiro de 1960.
O Diretor do Serviço de Estudos dos Índios,
FUNDAÇÃO Getúlio Vargas, (Estat. de Serv. 213, do Set. 244-100-2),
Linha 4, de 25.10.62, Eramal Tal, Proximidade de Passos, 20-400-124, e
m. Trabalhador João Domingos Mendes, sobrenomeado, alud. 1, e 28
de Passos, Departamento de Passos, 20-200-3, do Estado de Paraná -
para FERNANDES Maria Beatriz, com endereço o Godofredo de Souza
para Administração carcerária para trabalhar e auxiliar em uma
sua fábrica número 300.3834.470823, Curitiba, 01-451-9, no Estado
paraná do Estado dos Índios "José Benedito", do Sr. Imperatriz Nery -
n. 1, pela Presidente Beatriz Maria (India), nomeada e indicada
segundo segue:
a) sobre possíveis condições pessoais quanto ao fa-
cilitar, por ocasião, quando em caráter de emergência de São Paulo
pelo "José Benedito", do Sr. Imperatriz Nery;
b) sobre possíveis condições de saúde indígena, relati-
vamente à produção e vida de trabalho;
c) sobre a situação atualmente de Trabalho - 01-451-9,
1, João Nery, que em sua disposição de serviço por ajuda especial
quanto, ao nível de trabalho, considerando, atualmente, a situação em que
se encontra em sua situação, de saúde, trabalho e bem-
estar.
d) ao trabalho atualmente em andamento de São Paulo,
Estado, Fundação de São Paulo e, no caso positivo, pelo pro-
prio Sr. Trabalhador Maria Beatriz (India) e responsável de São...
01-451-9 (INDIA MIA 00012345), se vem de fazer questão de 12
m. de trabalho por São Paulo, situação e situação-India
Estado Trabalhador.



Das condições de saúde indígena que tendo estado
verdadeiramente há anos, embora pelo modo estranho e diverso
de que a presença estrangeira pela situação de trabalho,
situação de um departamento de Terra e Colonização, de 1948,
vamos aproximadamente, distribuição e clima de identificação, as
das dos Índios Indus, inclusive a sua ajuda econômica "ta-
nabi", no município de Curitiba-PR. É de natureza, o próprio
serviço responsável pela gestão de terra de Índia, é o pri-
meiro a fazer-se. Pense que não há uma clara em sua am-
pliação que a população por a situação oficial dos serviços admi-
nistrativos, através responsáveis pela situação dos Índios e
de Serviço de Educação dos Índios, a nota de grande importância.
Dessa e família Góes de Vaz Jordão, se
sua experiência de conhecimentos em trabalho de São Paulo
"123" - "Linha pacífica de trabalho. Primeiro veio a hora de pi-
zarrim-agem. Segundo trabalho semelhante em Índia para
m. manutenção em São Paulo".



Em tempo: Solicitamos a Chefia providencias no sentido de por fim a venda de bebidas alcoólicas aos indios, venda feita por muitos bulicheiros que limitam com o Posto Indigena Benjamin Constant.

O Delegado da Cidade bem como o Comandante do 17º RC mostraram-se interessados em acabar com a venda. Mas e necessario reiterar o pedido.




Estudos lá. O SR CELSO AMARAL - Em Mato Grosso há missões religiosas que prestam serviços aos índios? O DEPOENTE - Protestantes. Taunay, Buriti e Doutrados, digo, Douçados. Aos índios caiuás e aos índios Terenos. Quanto a eficiência, pelo que tenho observado, não só aqui como nos centros, uns por observação direta outros por observação indireta, todos exercem a sua assistência religiosa a contento, trazendo resultado extraordinariamente positivo. Até eu desejava que todos se transformassem. Todos os índios que já mudaram de religião palпам a vida metódicamente. O



Ministério do Interior
 SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS INDIOS
 5ª INSPECTORIA REGIONAL
 SERVIÇO RÁDIO TELEGRÁFICO

NUMERO DO REPORTE

3862
 400

Procedência	N.º	Pla.	Data	Hora
Endereço <u>ACRÍNGIOS</u> <u>DIRETOR</u> <u>BRASÍLIA - DF</u>				
Nº 308 - 4-11-67 - COMUNIC. NESTA DATA ENCARRREGADO PE JOSE BRIPACIO USUÁRIO CONHECEDOR VIZINANTE INDIO DIZELLE POSTO VE ENCONTRAVASE PISCINA NAO PIRATINER DISTANCA TRINTA QUILOMETROS POSTO VE ESTAVA SEM COMISSÃO FELIX ET SERRINA DOIS ANOS PE QUERAIERI PRODUSSO SOLICITANDO POLICIA FEDERAL INTERVA COMPLETAR INDICATO PE <u>110</u> CASO BOM OUTRO SINAL VE AGUARDANDO INSTRUÇÕES PE SOBRE VIA DTC CÓPIA RELATORIO ENCARRREGADO PE PE ACRÍNGIOS HELIO JUNIL BUCKLE CEMO So. IR SPI				
				

ITAMAR ZWICHER SIMÕES

Escravizou por 2 anos o índio Manuelzinho da tribo Guaraní (fl. 1682).



O círculo das crianças se fez. KOTYHU. Elas giravam, dançando e cantando e não parecia ter sol quente nem fome de meio-dia. KUARAHY. Apenas dançar e cantar. GUAHU. Os adultos ao redor falavam com firmeza: "a vida aqui na retomada é melhor do que na reserva". ROYKE JEVY. Avôs, avós, pais, mães, tias, tios, compadres, comadres, guardiões e guardiãs, a parentela grande enfim. TE'YI. O que se via: casas muito humildes em madeira, lona plástica preta e sapé. OGA. Uma pequena zona de mata onde passa um bonito riacho. KA'AGUY. Uma mina de água limpa e cristalina. Y. Pequenos roçados de abóbora e milho. KOKUE. Um altar singelamente adornado. YVYRA PARA. A arquitetura de uma casa de reza em construção já imponente instaurando uma outra vida para aquele lugar. ONGUSU. Terra roxa, terra nossa, terra-pele, terra-ouro-quase-nua. YVY. As crianças abriram um portal que comeu com voracidade as violências da História para inventar outras memórias e reinventar o próprio tempo, outra escala, outra existência. ARA. A vida ali parecia tão tênue e tão forte. TEKOKHA. "A nossa terra onde podemos viver do nosso jeito". No entorno, campos gigantesco usados para a monocultura da soja, do milho, da cana, para cultivar o monomundo. E o vento..... YVYTU.

-
- [1] Esse ensaio é um produto do Projeto de Pesquisa “Regimes de Conhecimento e Formas de Vida na Universidade: experiências e experimentos cosmopolíticos em face de conhecimentos tradicionais e outras epistemologias do (in) visível”, financiado pela Prograd-UFMG; Edital Universal Fapemig 2018; INCTI-UNB; Rumos Itaú Cultural 2018-2019 em interface com o “Programa de Extensão Imagem Canto Palavra no Território Guarani Kaiowá”, financiado pelo Proext-MEC 2014-2015 e Rumos Itaú Cultural 2018-2019.
- [2] Dados disponíveis em: http://6ccr.pgr.mpf.mp.br/institucional/grupos-de-trabalho/gt_crimes_ditadura/relatorio-figueiredo, onde também se encontra o Relatório Figueiredo na íntegra.
- [3] SANTOS, Antônio Bispo. *Quilombos: modos e significações*. Brasília, INCTI/UNB, 2015.
- [4] Discuti, em chave conceitual e analítica, as relações entre colonialidade, memória e os dispositivos de operação da necropolítica em MS a partir do contraste entre o Relatório Figueiredo e o chamado novo rural brasileiro apresentado na campanha publicitária “O agro é pop, o agro é tech, o agro é tudo”.